

Nota fiscal eletrônica

DESIRÉE COSTA

Advogada, consultora do escritório CLR Advogados & Consultores

Como é sabido, o Sistema Público de Escrituração Digital (Sped) também contempla o varejo. Trata-se da Nota Fiscal Eletrônica para Consumidor Final (NFC-e). Até pouco tempo atrás, muitos contribuintes mostravam-se céticos quanto às proporções que o Sped poderia atingir. Muitos imaginavam que ele iria vingar somente para o segmento industrial e, no máximo, até o setor atacadista. Ledo engano. Hodiernamente, a era digital no meio fiscal e contábil é uma realidade, e expande seus horizontes para todos os contribuintes, mesmo para aqueles que estão no fim da cadeia de comercialização. Não há escapatória. De acordo com o Ajuste Sinief 11/2010, foi instituída a NFC-e, documento digital que substituirá o cupom fiscal emitido por ECF e a Nota Fiscal de Venda a Consumidor, modelo 2, da mesma forma como ocorreu com a nota fiscal em papel, modelos 1 e 1-A, que foi substituída pela Nota Fiscal eletrônica, modelo 55, para as indústrias e atacadistas.

O documento fiscal para consumidor final é aquele que recebemos quando compramos algum produto em farmácias, supermercados, livrarias, papelarias, magazines, restaurantes e lanchonetes, entre outros. Esse documento em papel que será substituído por um documento eletrônico, a NFC-e. O documento fiscal digital, em geral, traz uma série de benefícios, seja para a empresa, seja para o próprio consumidor e até mesmo para a própria administração fazendária. Começando pela empresa, é a redução de custos o maior benefício, visto que dispensará o contribuinte da obrigatoriedade de adoção de equipamento fiscal para emissão do documento, bastando apenas um simples computador e o acesso à internet para conexão com o site da Fazenda estadual. Também não haverá necessidade de manter impressora fiscal. A impressora comum já será suficiente, com redução significativa nos gastos com papel, haja vista a possibilidade de as unidades da Federação autorizarem apenas a impressão de um documento auxiliar resumido ou até mesmo autorização para emissão de uma simples mensagem eletrônica de confirmação de operação. Para nós, os consumidores, a possibilidade de consulta no portal da Secretaria de Fazenda, em tempo real (on line) das NFC-e recebidas do varejo, nos trará maior segurança quanto à validade e autenticidade da transação comercial, além do recebimento do Documento Auxiliar de Nota Fiscal Eletrônica para Consumidor – Danfe NFC-e, por meio de SMS ou por e-mail. Para a administração fazendária, a informação, em tempo real, dos documentos emitidos pelo varejo tornará o controle fiscal mais eficaz. É bom frisar que a NFC-e acobertará operações comerciais de venda, presencial ou para entrega em domicílio, para consumidor final (sem crédito para o adquirente).

Atualmente, apenas algumas empresas estão participando do projeto-piloto da NFC-e, porém, qualquer outra empresa poderá também participar, bastando para isso consultar o portal nacional da NF-e e verificar todos os detalhes necessários para implantação do referido documento. O governo de Minas Gerais ainda não publicou o cronograma e os critérios para adoção da NFC-e. No entanto, não é por isso que o contribuinte deve se despreocupar. Muito pelo contrário, deve ficar atento e procurar todas as informações a respeito para não ser pego de surpresa.

Novidade chega aos varejistas e pode ser boa para todos

O dilema chinês

SACHA CALMON

Advogado, coordenador da especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, ex-professor titular da UFMG e da UFRJ

Estou relembando a conversa que tive em 2003, em Xangai, com um casal de brasileiros, profundos conhecedores da China. Vaticinaram que ela seria a “fábrica do mundo” e depois de todos os produtores estarem lá dificilmente sairiam, pois em nenhum lugar conseguiriam produzir tanto, com qualidade, baixo custo fiscal, trabalhista, previdenciário e logístico. Dito e acontecido.

O *The Wall Street Journal* (para as Américas) vem corroborar os vaticínios daquele brilhante casal de analistas, os mais antigos cidadãos do mundo, pela ascendência judaica. Em suma, pontifica o jornal de negócios, cujo nome é curioso: o jornal da rua do muro. A questão é que o muro hoje é outro e fala mandarim (80%) e cantonês (20%). Eis a China ou o Império do Meio.

A China, que já foi a fonte mais confiável do crescimento global, está contribuindo para a deflação em todo o planeta. Nos seringais do Sudeste Asiático, o preço do látex mantém os clientes chineses felizes. Nos Estados Unidos, os distribuidores de pneus estão rebaixando os preços e alguns demitindo funcionários, à medida que a China inunda o país com produtos baratos produzidos por fábricas em excesso. “A capacidade de produção da China mudou a indústria dos EUA”, diz Brian Grant, diretor-presidente da Del-Nat Tire Corp., distribuidora americana de pneus que fechou no início do ano, abatida por prejuízos provocados pelo acúmulo de estoques caros, comprados antes de os preços caírem.

Há 10 anos, a mão de obra barata de trabalhadores vindos do campo inundou as fábricas chinesas e derrubou o custo de tudo. Depois, a crescente demanda do país por commodities ajudou a reverter a tendência global de queda na inflação com aumento dos preços das matérias-primas. Agora, o excesso de capacidade industrial e o crescimento voltam a pressionar os preços para baixo.

Os fabricantes chineses estão elevando as exportações de bens como pneus e painéis solares para compensar o excesso de oferta no mercado interno. As pressões deflacionárias vindas da China são sintomáticas de problemas mais amplos de demanda que afetam economias da América do Sul, Europa e boa parte da Ásia. A China não é a única causa da queda dos preços; as novas fontes de petróleo na América do Norte e o fraco crescimento na Europa também colaboram. Mas o tamanho e o papel central da China na produção global tornam o país potente.

O Departamento de Trabalho dos EUA informou que os preços de todos os bens importados pelo país diretamente da China caíram em 20 dos últimos 38 meses, num total de 2,2%. Para os consumidores a notícia é boa, mas os preços em queda representam um desafio real. Os declínios po-



Como ocorreu há 200 anos na Inglaterra, há problemas. O capitalismo faz progredir, mas é inçado de crises cíclicas ou sistêmicas

dem reduzir a lucratividade, impedir investimentos e o aumento dos salários para tirar o mundo de um período de crescimento desapontador.

O papel da China no enfraquecimento dos preços nos mercados mundiais está cada vez mais aparente à medida que o país luta para absorver toda a capacidade industrial que criou. Os preços industriais estão caindo há mais de três anos, pressionando o banco central do país a facilitar o crédito e reduzir o custo dos empréstimos para tentar impulsionar o consumo interno. Em 2014, a China exportou 94 milhões de toneladas de aço, mais que a produção total de grandes produtores como EUA, Índia e Coreia do Sul. Analistas do UBS pre-

veem que o excesso de capacidade de produção de aço chegará a 553 milhões de toneladas ao ano, a maior parte na China, suficiente para construir mais de 10 mil aeronaves ou 75 mil torres Eiffel.

Mas a China não pode redobrar sem parar sua capacidade exportadora com preços baixos em um mundo em crise. Os salários devem crescer, sem o que não haverá demanda doméstica (população equivalente à da Europa e das três Américas juntas). Conquanto os preços do petróleo abundante estejam lá embaixo, os chineses estão substituindo-o e o carvão mais velozmente que os alemães (55% dos painéis solares do mundo estão lá) e a energia eólica virou obsessão. Há uma razão para isso: o custo da energia que move tudo, desde as indústrias até as casinhas das remotas aldeias (cada vez mais raras). A quarta revolução industrial começou bem distante de Londres, na milenar China. Como aconteceu há 200 anos na Inglaterra, há problemas. A classe média ascendente, à falta de uma especulação imobiliária “made in USA”, fez a bolsa de Xangai subir 128% em 10 meses e perder 32% em 20 dias. A crise foi debelada pela ação firme do BC chinês e pelo governo unipartidário. Foi um grito de alerta. O capitalismo faz progredir, mas é inçado de crises cíclicas ou sistêmicas. Certamente é um desafio administrar 1 bilhão e 350 milhões de pessoas (PIB de US\$ 11 trilhões).

Até quando durará o ciclo histórico do papel-moeda? Para Marx, seria quando tudo fosse de todos, uma miragem evanescente. Para os religiosos, só depois do fim do mundo, noutra dimensão, na almejada parusia.

O poder destrutivo do cyberbullying

MARCO ANTÔNIO SILVA

Doutor em educação, professor do Uni BH e Faminas, coordenador de projetos pedagógicos especiais da Regional Noroeste da Prefeitura de Belo Horizonte.

Nos últimos anos, os órgãos de imprensa têm registrado inúmeros episódios de intolerância, preconceito e discriminação no Brasil e em várias partes do mundo. Negros, ciganos, índios, mulheres, homossexuais, ateus ou praticantes de determinadas religiões, famosos e anônimos, oriundos das mais diversas classes sociais, crenças religiosas, ascendências étnicas, características físicas, orientação sexual e de gênero são agredidos de forma velada ou explícita. Agressões que podem chegar à violência física e até mesmo ao assassinato.

Na escola, as manifestações dessa intolerância aparecem de forma velada ou são explicitadas por meio do famoso bullying que, diga-se de passagem, sempre existiu e, até pouco tempo, não fazia parte da pauta dos estudiosos, educadores e dos meios de comunicação. Assim, os comportamentos de outrora que se enquadravam nesse conceito não eram analisados na profundidade que deveriam.

As vítimas de bullying sofrem a angústia de ser alvo de chacotas, menosprezo, achincalhamentos e até agressões físicas, muitas vezes sem poder de reação. Essa tormenta – que pode deixar marcas por muito tempo, quem sabe

anos ou mesmo por toda uma vida – se restringia, até pouco tempo, ao horário de convivência na escola. Fora do espaço escolar a vida dessa criança ou jovem podia transcorrer com a maior naturalidade.

No entanto, esse quadro mudou radicalmente nos últimos 10 anos. Se as tecnologias da informação e comunicação revolucionaram as formas de viver e conviver dos homens e trouxe muitos benefícios para a humanidade, tornaram-se também ferramentas poderosas para execução de atos de perversidade, infrações e crimes das mais diversas naturezas. Se as redes sociais e a internet contribuíram para a democratização da informação e ampliaram as possibilidades de acesso ao conhecimento, não podemos negar que se tornaram também plataformas potentes para a difamação, o desrespeito e achincalhamento do semelhante. É a versão cibernética do bullying: o cyberbullying. Essa transformação não é algo simples como ter a mesma versão de um livro impresso disponibilizada na tela de um computador. O cyberbullying representa uma multiplicação do poder destrutivo do bullying.

As vítimas ficam expostas 24 horas por dia no cyberspaço e podem ser vistas por um público incalculável, em qualquer parte do mundo. A tormenta, anteriormente restrita à escola e praticada por um indivíduo ou um grupo, toma proporções imensuráveis. Uma garota exposta nas redes

sociais em cenas íntimas ou um jovem ridicularizado por sua orientação sexual, por exemplo, tornam-se alvo de uma superexposição sem saber quantas pessoas tiveram acesso ou compartilharam a produção de seus agressores. Mesmo que algumas imagens sejam retiradas das redes sociais, é impossível saber quantas pessoas gravaram em seus dispositivos pessoais e, portanto, se voltarão e quando ao ciberespaço.

Nessa superampliação do poder destrutivo do bullying está grande parte das explicações para o suicídio de jovens vítimas de uma crueldade desmedida. Muitos, que não chegam a esse ato extremo, passam por uma tortura psicológica e um sofrimento profundo durante meses ou anos a fio. Não podemos demonizar os benefícios que os avanços tecnológicos trouxeram para a humanidade. As escolas precisam introduzir de forma responsável, equilibrada e pedagogicamente viável os recursos tecnológicos no processo ensino-aprendizagem.

No entanto, é importante que desde a mais tenra idade se ensine também a importância do respeito ao semelhante, da aceitação das diferenças e de uma cultura de paz. Quando a intolerância se manifesta de forma tão recorrente em qualquer sociedade é um péssimo sinal de que não houve uma educação voltada para a aceitação das diferenças e o bem-estar de todos em lugar do individualismo exacerbado.

S/A ESTADO DE MINAS
FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS
A vida com mais conteúdo

SEDE
Avenida Getúlio Vargas, 291 - Funcionários, Belo Horizonte-MG-Cep 30112-020

TELEFONE GERAL
(31) 3263-5000

Filado ao Instituto Verificador de Circulação

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732/766 - Edifício Mary Harriet Speers - 7ª andar - Bairro Jardins - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3372-0022 • Fax: (11) 3372-2045
e-mail: sucursal.sp@uai.com.br e associadosp@uaijgiga.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Rua do Livramento, 189 - 8º andar - Sala 24 - Saúde
Tel.: (21) 2263-1945 • Fax: (21) 2263-2045
e-mail: sucursal.rj@uai.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação
(31) 3263-5330

Editorias:
Gerais
(31) 3263-5244
Política
(31) 3263-5293
Economia e Agropecuária
(31) 3263-5103
Espportes
(31) 3263-5313
Internacional
(31) 3263-5301
Opinião
(31) 3263-5373

Cultura - TV - Pensar e Divirta-se
(31) 3263-5126
Fotografia
(31) 3263-5214
Turismo
(31) 3263-5333
Informática
(31) 3263-5360
Vrum
(31) 3263-5078
Bem Viver, Guri e Negócios e Oportunidades
(31) 3263-5048
Feminino & Masculino
(31) 3263-5260

WhatsApp: (31) 8502-4023

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Belo Horizonte (31) 3263 5800
Outras Localidades 0800 031 5005

DISTRIBUIDOR DE ASSINATURAS INTERIOR
0800 283 5062

SERVIÇO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA
Capitol e Contagem - (31) 3263 5830
Interior de Minas Gerais - 0800-283-5062
Telefax - Circulação: (31) 3263 5961

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA
(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL
(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AGÊNCIAS
O ESTADO DE MINAS trabalha com as seguintes agências de notícias:
Agência Estado, Agência O Globo, Agência Folha, France-Press e Reuters.

ASSINE ANUNCIE

Belo Horizonte (31) 3263 5800

Outras Localidades 0800 031 5005

Publicidade (31) 3263-5501/5197
Classificados (Pequenos Anúncios Fonados) (31) 3228-2000

D.A. PRESS MULTIMÍDIA

ATENDIMENTO PARA PESQUISA E VENDA DE CONTEÚDO:
Por e-mail e telefone: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800 647 73 77.
Fax: (61) 3241.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br
Site: www.dapress.com.br

Localidade	VENDA AVULSA (R\$)	
	2ª e sábado	Domingos
MG, SP, RJ (capitais)	2,50	3,50
RJ (interior), ES e DF	3,50	4,50
Outros estados	5,00	6,50